



HOME UFRR ADMINISTRAÇÃO CURSOS CENTROS/NÚCLEOS VESTIBULAR COMUNICAÇÃO BIBLIOTECA EDITAIS DOWNLOADS

NAVEGAÇÃO

 >>
 -- Links: --

Aluno

[Notícias](#)
[Histórico escolar](#)
[Oferta de disciplinas](#)
[Fila eletrônica](#)
[Resultado da fila](#)
[Material Didático](#)
[Estágio](#)
[UNE](#)

Professor

[Notícias](#)
[Currículo Lattes](#)
[Concursos](#)
[Lista de frequência/notas](#)
[ANDES](#)
[Proifes](#)

Graduação

[Notícias](#)
[Cursos e Eventos](#)
[Programas](#)
[Calendário Universitário](#)
[Editais](#)

Pesquisa e Pós-Graduação

[Notícias](#)
[Mestrados](#)
[Núcleos](#)
[Programas e projetos](#)
[Editais](#)

Extensão

[Notícias](#)
[Certificados](#)
[Propostas de cursos](#)
[Projetos](#)
[Departamento de Cultura](#)
[Editais](#)

Administração e Planejamento

[Notícias](#)
[PRADS](#)
[PRPDI](#)
[Projetos](#)
[GEOP](#)
[Editais](#)
[Licitações](#)
[Situação das obras - JUNHO](#)

Servidor

[WebMail](#)
[DRH](#)
[Siape](#)
[FASUBRA](#)
[Unidade de Saúde](#)

Repercussões e consequencias das eleições nos EUA

06/11/2008

Obama e a outra política das eleições dos Estados Unidos

Elói Martins Senhoras

Economista e cientista político, professor da Universidade Federal de Roraima.
eloi@dri.ufrr.br

A corrida à presidência dos Estados Unidos chega à reta final com um ganhador cujo perfil é diferente ao tradicional padrão histórico do país identificado em inglês pela sigla WASP como de origem Branca, Anglo-Saxã e Protestante.

Barack Hussein Obama II não é apenas o primeiro candidato negro a ter tido reais chances de ser eleito, mas seu nome retrata uma nova imagem internacionalizada do americano, cujo pai é queniano mulçumano e de mãe branca protestante do Kansas, que nasce no Havaí, tem passagem pela Indonésia e constrói sua rápida carreira política como parlamentar estatal em 1996 e senador do Estado de Illinois em 2005.

O novo fenômeno político Obama e o surgimento do apoio popular enquanto "Obamania" é visto pelos partidários democratas e um amplo espectro da opinião pública internacional como uma possibilidade de mudança do status quo estadunidense em suas relações nacionais e internacionais.

A aposta em Barack Obama como presidente também foi vista por diversos democratas com ar de dejavou. Desde as eleições primárias, quando concorreu em dura disputa com Hilary Clinton à vaga para candidato presidencial pelo partido

COLUNA ARTIGOS



Palavra do Reitor:
 Roberto Ramos
[Vestibular: está chegando a hora.](#)



Artigo:
 Gilberto Hissa
[Finanças Pessoais - Fazendo o Dinheiro Sobrar - parte 1](#)



Artigo:
 Depto. de Relações Internacionais
[Repercussões e consequências das eleições nos EUA](#)

MURAL ANÚNCIOS



Periódicos

[Jornais](#)

[Editora](#)

[Pautas](#)

democrata, Obama teria sido comparado por alguns setores com a figura do ex presidente democrata John Fitzgerald Kennedy (JFK). A imagem positiva de um jovem líder que pode ser um empreendedor público para a sociedade se contrapõe de maneira dual à imagem negativa dos riscos de atentado derivados da forte rejeição de alguns setores dos Estados Unidos.

Um ponto importante da chegada de Obama à Casa Branca se refere ao custo total de sua campanha que claramente chama a atenção devido ao maior volume de recursos financeiros em quase três vezes em comparação à campanha do senador McCain oriundo da positiva estratégia de arrecadação via internet. Desde a criação do atual sistema de financiamento das eleições presidenciais criado após o escândalo de corrupção do caso Watergate, Obama tornou-se o primeiro candidato à rejeitar o financiamento público.

Outra discussão relevante na substituição da administração Bush pela administração Obama é que falsas expectativas não devem existir a respeito de revoluções ou grandiosas inflexões na política estadunidense haja vista que as mudanças no sistema de administração política dos Estados Unidos são graduais e passam por negociações uma vez que o sistema político é bipolarizado – com os Partidos Republicano e Democrata – o que leva a uma conhecida “lei ou tendência de ouro do poder” que direciona os formuladores de políticas a uma via central ou moderada de diálogo entre as partes a fim de não haver processos claros de retaliação e trancamento de pautas.

O gradualismo das políticas públicas vai englobar temas polêmicos como saída das tropas do Iraque até 2010, reversão das políticas fiscais concedidos às classes mais ricas vis-à-vis cortes de impostos para os mais pobres e adoção de políticas econômicas contra problemas estruturais da crise econômica financeira e de déficit gêmeos da dívida pública e balanço comercial, o que possivelmente vai limitar nos dois primeiros anos da gestão altos investimentos em programas sociais estratégicos em saúde e educação e programas tecnológicos na área espacial e de energias renováveis que estavam presentes como promessas políticas.

As transformações na agenda da



[Ler mais...](#)

administração pública são certas de variação, de maneira que as temáticas unilaterais de poder duro do governo Bush abrirão espaço para novas temáticas políticas uma vez que o governo Obama vai contar com uma maioria de parlamentares democratas na Câmara e no Senado, o que se coloca em dúvida é o ritmo dos câmbios que está atrelado aos comprometimentos da administração anterior.

Obama e o novo ciclo democrata na política externa imperial

Thiago Gehre

Historiador de relações internacionais e professor assistente do Departamento de Relações Internacionais da Universidade Federal de Roraima-UFRR.

thiago.gehre@gmail.com

No instante em que a vitória de Barack Obama atingiu as projeções esperadas o mundo respirou fundo e se perguntou o que esperar do novo mandatário dos Estados Unidos (EUA). A resposta vem em forma de uma política externa que mescla características estruturantes herdadas dos outros governos e novas concepções de mundo. Não sabemos como as relações internacionais dos EUA serão a partir de 2009, mas não há dúvida que a política externa proposta por Obama não será tão diferente daquela imaginada por McCain. Isto porque a inserção internacional dos EUA respeita um quadro dual composto de idéias- força e constrangimentos que auxiliam na montagem de sua grande estratégia de política exterior e que, portanto, neutralizam as tão exaltadas plataformas político-partidárias.

Nesse sentido, é possível conceber 5 grandes eixos que moldarão de alguma forma a nova política externa imperial do governo Obama: a unissonância política, a falência do liberalismo, o dilema étnico-racial, os limites da democracia imperial e os problemas estratégicos contemporâneos. A apreciação destes eixos é importante para trazer luz às prováveis semelhanças da atuação internacional dos

dois candidatos, a forma como o novo governo democrata vai se comportar externamente e os espaços de manobra que países periféricos como Brasil terão para atuar na cena regional e global.

Em primeiro lugar, **a unissonância política** de democratas e republicanos assevera os limites da intocável herança democrática. No mundo político norte-americano burros e elefantes são criaturas muito semelhantes. Durante o processo eleitoral houve a preocupação de ambos os candidatos em buscar uma diferenciação em termos de plataforma política e de imagem diante dos eleitores. A preocupação de ser diferente trilhou os caminhos da construção iconoclástica da cultura pop e da reafirmação tradicionalista de idéias como patriotismo e nacionalismo. O glamour e o ímpeto na imagem de Obama o colocam como um quase super-herói capaz de solucionar todos os problemas da nação. A experiência e a força de McCain o ligam ao herói de guerra do Vietnã preparado para liderar o país nas duras batalhas do momento histórico atual. Logo, a invenção de simbologias identitárias torna-se necessária em um país homogeneizado pela ideologia liberal e pelo modo de produção capitalista.

Em segundo lugar, **a falência do liberalismo** colocou o país em um estado sistemático de crises. Os colapsos financeiro e imobiliário de 2007-2008 foram um duro golpe que acabou por favorecer Obama na reta final das eleições. Por um lado, o prêmio Nobel em economia Paul Krugman atribui à eleição de Obama a representação de um referendo contra as políticas econômicas desastrosas da gestão anterior e a esperança que um novo *New Deal* possa resgatar o crescimento econômico do país como nos anos 1930. Por outro lado, desconsiderar a política unilateralista imperial de superextensão e controle de regiões estratégicas do ponto de vista energético é sobrevalorizar o elemento econômico.

De qualquer forma, os dramas econômicos e políticos convergiram no momento da eleição de 2008 e auxiliaram no processo de mudança política, mas não cessarão até que novos modelos sejam pensados e implementados. O desespero daqueles afetados com a quebra dos mercados financeiro e imobiliário e o sofrimento da porção média da população

com as falhas do sistema de educação, saúde e habitação permanecerão assombrando o cenário sócio-econômico dos EUA uma vez que as mudanças no plano cultural e das idéias, propostas por Obama, se arrastarão por um longo período.

Em terceiro, **o dilema étnico-racial** é uma constante de desequilíbrio de impérios transnacionais. A imagem internacional dos EUA permanece manchada pela intolerância ao imigrante de diferentes origens e pelo racismo contra o elemento não caucasiano. A imigração continua sendo um albatroz em franco avanço para a nova administração democrata que não deixará de ter o México como vizinho ou a globalização como força impulsionadora do fluxo de pessoas. Ademais, a pós-racialidade de Obama não o isenta de ter de enfrentar a possível fragmentação étnica já em curso no país com a conformação de guetos e a crescente importância de comunidades latinas e asiáticas.

Em quarto, **os limites da democracia imperial** exacerbam as forças da desigualdade e da injustiça social. A historicidade do pleito de 4 de novembro de 2008 marca a eleição de um candidato negro em um país de elite branca, que foi escolhido para governar em favor desta elite e blindado para suportar as pressões de práticas identitárias dos republicanos que exploraram sistematicamente a indecisão do eleitor e o ressentimento racial branco. Com isso, as preocupações com o funcionamento do modelo democrático tornaram-se irrelevantes e ficaram evidentes: a) a correlação entre capitalismo e democracia fez com que o poder financeiro fosse um fator decisivo neste processo eleitoral, como tem sido tradicional da história política norte-americana; b) o descaso com que o eleitor foi tratado ao longo da votação evidenciou o maniqueísmo e a manipulação por trás do processo eleitoral. c) as crescentes insatisfações com o modelo de eleição indireta, que confia a um colégio eleitoral formado por delegados a escolha do presidente, vêm despertando a consciência que o poder não está nas mãos nem de indivíduos nem do povo; d) muitas das expectativas geradas pelos norte-americanos com relação ao governo de Obama também são compartilhadas por pessoas em diferentes partes do mundo. Obviamente ao estrangeiro não cabe direito

a voto, apesar de grande parte das decisões democráticas e soberanas do império afetarem os destinos de outros povos e nações.

Em quinto, alguns **problemas estratégicos** constituem uma teia de fatos responsáveis por subsidiar a manufatura da política externa norte-americana para o que se acredita ser um novo ciclo democrata no país. Dentre eles podemos citar as restrições ao comércio e às finanças mundiais, a penetração cultural de valores não-ocidentais ou antiamericanos, o sucesso de modelos sociais exportáveis, o terrorismo internacional, o controle da informação e ataques cibernéticos, a produção de alimentos e os recursos naturais e energéticos. Todos eles moldarão de alguma forma as relações internacionais dos EUA e afetarão suas decisões no que toca a continuação no Oriente Médio, o controle sobre a Ásia Central, a corrida espacial e energética com os chineses, a tentativa de domínio informal sobre a Amazônia e a militarização da América do Sul.

Como **conclusão** é importante ressaltar que os impactos da vitória democrata serão sentidos mas não significarão rupturas na história das relações internacionais do país. Obama se comportou ao longo da campanha como um candidato pós-partidário que estaria acima dos imbróglios tradicionais entre republicanos e democratas e exaltou um discurso pós-racial, que evitava a associação com as minorias negras. Assim, enquanto internamente poderá romper barreiras no sentido de construir uma nova sociedade americana, externamente as semelhanças com o governo de Bill Clinton e as dificuldades de lidar com os problemas estratégicos podem ofuscar o brilho acoplado à sua imagem. Além disso, a incapacidade de exercer a hegemonia liberal em um mundo de protecionismos e nacionalismos crescentes e as indefinições da questão racial dentro e fora das fronteiras é um sintoma de debilidade de poder e um "calcanhar de Aquiles" do império.

O novo ciclo político democrata confia nos desígnios de um líder jovem, intelectualizado, protestante, negro, havaiano e descendente de muçulmanos: este perfil de Barack Obama o credencia a conduzir de forma mais ecumênica a política exterior de seu país, mas não garante que o

fará desta maneira. A confiança excessiva na versatilidade e multiculturalidade e a negligência de aspectos estruturantes da política internacional podem ser fatais para o futuro das pretensões norte-americanas. No horizonte da sociedade internacional, a nova política externa imperial que Obama deverá orquestrar contempla o nascer de um mundo pós-americano: da emergência de titãs como Índia e China, da solidez de potências regionais como Brasil e África do Sul, do soerguimento de potências tradicionais como Rússia, até a complexidade da agenda internacional em torno de temas como segurança climática e energética, ações preventivas e *pré-emptivas* na esfera humanitária e o desenvolvimento e prosperidade civilizacionais.

Obamania para o Brasil

Julia Camargo

Professora do Curso de Relações
Internacionais da UFRR.
julia_fcamargo@hotmail.com

A mudança chegou. Pelo menos essa é a esperança dos norte-americanos que elegeram Barack Hussein Obama Junior, de 47 anos, como o primeiro presidente negro da história dos Estados Unidos. O quadragésimo quarto presidente norte-americano promete restaurar a imagem dos Estados Unidos no mundo, danificada nos últimos oito anos de Governo Bush. A vitória acontece em um momento em que os Estados Unidos atravessam sua pior crise financeira em décadas e enfrentam duas guerras, do Iraque e Afeganistão que parecem não ter um fim próximo. A eleição que mais contou com a participação popular nos últimos cem anos da história eleitoral norte-americana marca a mudança de partido, geração e orientação política do país mais poderoso do mundo. Mas quais seriam as conseqüências dessas mudanças para o Brasil?

Pode-se dizer que o Brasil, ao contrário de muitos países do mundo, não teriam o que reclamar do que pode ser chamado de "Era Bush". A investida contra o terror (2001), a Guerra do Iraque (2003) e a recente crise

econômica que assolou as finanças internacionais fizeram com que os falcões da Casa Branca não disponibilizassem à América do Sul parte de suas atenções.

Analistas norte-americanos afirmam que os Estados Unidos não utilizaram sequer na América do Sul, durante todo o Governo Bush, a sua capacidade de obter resultados desejados por meio da atração ao invés da coerção – essa dinâmica é conhecida nas Relações Internacionais como *soft power*. Análises alarmantes e polêmicas argumentam que foi justamente essa negligência que permitiu a ascensão de governos sul-americanos considerados de esquerda e não tão favoráveis à administração Bush, na região que durante algum tempo foi considerada pelos governos norte-americanos como o quintal dos Estados Unidos.

O fato é que o Brasil durante a administração Bush pode exercer o que os formadores de política externa do Governo Lula chamam de “vocação natural” para ser um líder na América do Sul. Tornar-se líder na região Sul-Americana e chamar a atenção do mundo para o Brasil são os dois principais interesses da atual gestão de política externa . É interessante notar que na imprensa internacional, jornais de extensa influência política em questões internacionais como o espanhol *El País*, os norte-americanos *Washington Post* e *New York Times* e a agência internacional de notícias britânica *BBC*, recentemente, publicaram matérias sublinhando o papel de líder da diplomacia brasileira nas principais questões que afetam a América do Sul.

É possível argumentar que o Brasil almeja uma posição de potência emergente no cenário internacional e a viabilidade para alcançar esse interesse nacional perpassa pelo domínio Sul- Americano. Durante os oito anos de Bush foi possível à política externa brasileira atuar como mediadora em conflitos Sul-Americanos e garantir o equilíbrio e a moderação com governos esquerdistas tidos como “radicais” como Bolívia, Equador e Venezuela sem a interferência da Casa Branca.

De tal forma, seria razoável argumentar que, nesse contexto sul-americano, tanto faria quais dos dois, Obama ou McCain, fossem eleitos como presidente. Washington não teria condições de se preocupar com a transformação desse cenário de uma

maneira efetiva. Afinal, muda-se o presidente mas os problemas em que os Estados Unidos estão atolados continuam. E as previsões indicam que esses problemas não serão resolvidos tão prontamente.

Entretanto, para os interesses nacionais brasileiros na área das relações internacionais é possível afirmar que Obama apresenta-se como a melhor opção para a política externa formulada pelo Governo Lula. Três exemplos de temas que envolvem os interesses nacionais no âmbito da política externa brasileira podem ser citados levando em consideração a vitória de Obama: 1) A possibilidade brasileira de garantir um assento permanente no Conselho de Segurança da ONU; 2) Apoio à ações multilaterais no cenário internacional; 3) Estabilidade na região por meio do diálogo com Cuba e Venezuela.

A tentativa de pleitear um assento no Conselho de Segurança da ONU ganhou fôlego no Governo Lula. A partir de então a política externa brasileira utiliza as relações internacionais com o intuito de fortalecer essa expectativa. Sobre esse assunto, o candidato republicano à Casa Branca, parece não considerar a ONU como uma instituição efetiva para a solução das questões internacionais. McCain deixou clara sua proposta a respeito da criação de uma "Liga das Democracias" que funcionaria como um fórum mundial que consideraria as vozes que não são ouvidas pela ONU. Desta "Liga" fariam parte mais de cem países democráticos e excluiria-se a China e a Rússia dessa instituição. Por outro lado, Obama é sim favorável à uma possível reforma do Conselho de Segurança da ONU. Porém, em suas últimas entrevistas a respeito do tema considerou a possibilidade de se fazer essa reforma com uma cláusula bastante específica: a inclusão de novos membros na Organização não seria acompanhada pelo poder de veto. Com relação à ONU, entre Obama e McCain, a melhor opção para o Brasil seria o primeiro nome, mesmo que sua proposta de reforma seja um tanto quanto mitigada.

O multilateralismo, que implica a atuação de diversos atores no processo de tomada de decisão nas questões internacionais, é um outro tema endossado pela atual política externa brasileira. Na gestão Bush a idéia do multilateralismo foi descartada e a opinião pública da sociedade internacional assistiu os Estados Unidos se posicionarem

de maneira unilateral nas relações internacionais, como ficou demonstrado com o ataque ao Iraque sem a autorização da ONU e a não assinatura do Tratado de Kioto.

Mas com Obama presidente, analistas internacionais sugerem que haveria uma maior conscientização a respeito da idéia de que no mundo contemporâneo, por mais poderoso que um país seja, não seria mais possível se movimentar sem o apoio dos demais. Essa interdependência entre os países foi uma das propostas de campanha dos Estados Unidos idealizado por Obama. Um país que dividiria o poder nos foros internacionais de uma maneira ponderada e acrescentaria novas alianças com nações emergentes. Assim, uma das consequências para o Brasil é que essa postura do candidato democrata poderia facilitar as negociações internacionais em que o país se envolve, como por exemplo as disputas comerciais na OMC e, igualmente, poderia incrementar o poder de barganha da política externa brasileira em temas relevantes como o desejado assento permanente no Conselho de Segurança da ONU. Decerto, o Brasil teria uma vantagem com esse cenário, mas a aposta em Obama como o promotor do multilateralismo em temas da agenda global é uma hipótese que somente o tempo histórico e as forças políticas que moldam o cenário internacional poderão provar.

O último ponto que abordaria o “fenômeno Obama” como algo positivo para o Brasil diz respeito à postura de diálogo que o mais novo presidente dos Estados Unidos assume com relação a dois países da América do Sul: Venezuela e Cuba. Enquanto McCain defendeu na corrida eleitoral a intensificação das pressões contra o regime cubano e o isolamento do presidente venezuelano Hugo Chavez, Barack Obama propõe o fim das restrições ao envio de dinheiro de cubano-americano a Cuba e o diálogo com o regime de Raúl Castro. Com relação a Chavez, o democrata afirma que o fortalecimento da liderança americana é a melhor forma de conter a retórica de Chavez.

Para a política externa brasileira a possibilidade de uma aproximação norte-americana com esses dois países representa algo no mínimo proveitoso. Um maior diálogo com Venezuela e Cuba poderia aliviar a necessidade brasileira de agir como mediadora toda vez que esses

países entram em conflito, muitos deles, vale ressaltar, apenas no plano discursivo. Nesse contexto, o Brasil teria um maior espaço de manobra no continente Sul-Americano e seu laço histórico de cooperação pragmática com os Estados Unidos poderia ser fortalecido sem causar maiores desconfianças entre os países da América do Sul.

Ao vencer as eleições Barack Obama mostrou, conforme em seu discurso de vitória, que os Estados Unidos são um lugar onde tudo é possível, um lugar que ainda mantém o sonho de seus idealizadores vivos e caso ainda restassem dúvidas da democracia norte-americana a resposta seria a sua própria eleição pelo povo norte-americano. Basta saber se essa realização do sonho americano conseguirá convergir a necessidade de ordenar um mundo caótico, legado da administração Bush e conseguirá converter a deterioração da imagem dos Estados Unidos entre os países do mundo, principalmente no mundo árabe. A mudança chegou, porém o desafio veio junto. Para a América do Sul as propostas políticas de Obama se assemelham mais a uma mudança de tom, sem grandes iniciativas ou modificações. Para o Brasil, entre Obama e McCain o primeiro não parece ser uma má opção para a efetivação dos interesses nacionais da política externa arquitetada pelo Governo Lula.

Atualizado em (06/11/2008)

[\[Voltar \]](#)



© 2008 UFRR - Universidade Federal de Roraima
Campus Cauamé: BR 174, Km 12. Bairro Monte Cristo. CEP: 69300-000 Boa Vista / RR
Campus Paricarana: Av. Cap. Ene Garcez, nº 2413. Bairro Aeroporto. CEP: 69304-000 Boa Vista / RR
[Joomla!](#) é um software livre disponibilizado sob licença GNU/GPL.